

Até Mais Verde



Pawlo Cidade

2ª Edição



edua
arts
Editora da UESC

Até
mas
verde



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
JAQUES WAGNER – GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
OSVALDO BARRETO FILHO – SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA
EVANDRO SENA FREIRE – VICE-REITOR

Diretora da Editus
RITA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente
Andréa de Azevedo Morégula
André Luiz Rosa Ribeiro
Adriana dos Santos Reis Lemos
Dorival de Freitas
Evandro Sena Freire
Francisco Mendes Costa
José Montival Alencar Júnior
Lurdes Bertol Rocha
Maria Laura de Oliveira Gomes
Marileide dos Santos de Oliveira
Raimunda Alves Moreira de Assis
Roseanne Montargil Rocha
Sílvia Maria Santos Carvalho

Pawlo Cidade

Até Mais Verdade

2ª Edição

Ilhéus - Bahia



2015

Copyright ©2003 by Pawlo Cidade
2ª Edição - 2015

Direitos desta edição reservados à
EDITUS – EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO
Álvaro Coelho

REVISÃO
Genebaldo Pinto Ribeiro
Maria Luiza Nora
Paulo Roberto Alves dos Santos
Roberto Santos de Carvalho

ILUSTRAÇÕES MIOLO
 freepik.com

ILUSTRAÇÕES CAPA
By zhaolifang/Vecteezy.com

FOTOGRAFIA DO AUTOR
Thiago Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C568

Cidade, Pawlo.

Até mais verde / Pawlo Cidade. – 2. ed. – Ilhéus, BA:

Editus, 2015.

64 p. : Il.

ISBN 978-85-7455-380-1

1. Romance brasileiro. 2. Literatura brasileira. 3. Eco-
logia. I. Título.

CDD 869.93

EDITUS – EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

“O comportamento harmonioso das pessoas com os animais, com o mundo do verde, o mundo das águas, com os minerais, as aves, a cultura e com a história... esse comportamento ainda é um sonho.”

Soane Nazaré de Andrade





Primeiro Contato

“Nunca podemos falar da natureza
sem, ao mesmo tempo, falarmos
sobre nós mesmos.”

F. Capra







1

A PIOR COISA DO MUNDO é fazer algo de que você não gosta. E era justamente o que eu ia fazer naquela noite de inverno, no primeiro dia do curso de Ecoteatro que o Departamento de Letras e Artes estava promovendo. Eu tinha motivos de sobra para estar tão furiosa com minha atitude. Primeiro, o curso era obrigatório. Valia crédito para a disciplina de Educação Ambiental. Segundo, eu detestava tudo que se referisse a ecologia. Eu achava uma grande asneira defender a vida do lobo guará, enquanto centenas de crianças morriam de diarreia nas favelas das grandes cidades ou ainda saber que aqueles que defendem o meio ambiente são pessoas que não necessitam trabalhar para sobreviver, são alienadas, pensam de modo romântico e acreditam que a natureza humana é intrinsecamente “boa”. Boa, uma ova!



Mal sabia eu que aquela apatia ambiental iria se tornar, mais tarde, uma enorme causa pessoal. E terceiro, pela etimologia da palavra, dava pra sacar de cara que o meio pelo qual o professor utilizava para falar de educação ambiental era o teatro. Nunca gostei de teatro. Achava uma baboseira aquele monte de homens e mulheres decorando um texto, para declamar para um outro bando de mulheres e homens sentados. Quanta estupidez!

Assim que cheguei no salão, todo mundo olhou para trás. Eu tinha sido a última a chegar. Aquele olhar de recriminação foi recíproco. Quem disse mesmo que eu queria estar ali? Mas o professor foi gentil. Tão gentil que eu desconfiei. E isso me fez quebrar logo de cara um preconceito habitual: o de que todos os professores daquela universidade eram grossos e estúpidos. Donos de si e prepotentes. Eu não tinha dado muita sorte com o meu curso. Estava até pensando em fazer outro vestibular, ir a outro campus, talvez...

O professor interrompeu minhas elucubrações quando começou a se apresentar. Foi uma apresentação rápida, bem objetiva e em seguida pediu que cada um de nós fizesse o mesmo. Ele queria que a gente externasse qualquer impressão sobre o curso e explicasse o porquê da nossa escolha. Quando chegasse a minha vez, coitado! Iria ter uma grande decepção. Quem disse que eu faria como os outros, com aquelas palavras de entusiasmo, vivacidade, alegria? Para mim, era tudo hipocrisia. Algumas das minhas colegas prestavam mais atenção nas nádegas do professor que na ideia de amar o teatro e a ecologia. Eu podia até fazer parte dessa fatia, mas precisava dizer a verdade.

E quem disse que eu tive coragem? Quando chegou a minha vez deu uma tremedeira, um suor frio, um medo... e as únicas palavras que eu balbuciei foram: “Estou curiosa, é... curiosa!” E não disse mais nada.

Depois que todo mundo terminou de falar, ele pediu que a gente fizesse um círculo e, no meio, colocou vários nomes de animais escritos em pedaços de cartolina, pedindo a cada um de



nós que se identificasse com o animal que tivesse as características que a gente julgava possuir. Quando todos nós escolhemos os animais, ele pediu que a gente se dirigisse até o cartaz preso na parede onde estava o nome do animal que a gente escolheu.

Eu tinha ficado em dúvida entre a gaivota e o antílope. Mas acabei por optar pelo antílope. Duas outras colegas também tinham escolhido o mesmo animal que eu. Assim, nós, a pedido do professor, começamos a compartilhar as características que achávamos possuir o antílope. Minhas colegas falavam coisas engraçadas e, ao mesmo tempo, muito interessantes. Como o fato de o antílope ser muito arisco, uma vez que ele está sempre farejando o ar para ver se não querem pegá-lo de surpresa. Eu já tinha pensado nessa possibilidade, mas a via por outro ângulo: não confiar em ninguém. Acho que os antílopes não confiam nem em seus semelhantes. Como era ruim viver assim, examinando cada ideia, cada palavra como se a qualquer momento a gente fosse ser pego de surpresa...

E não é que tínhamos razão? O professor colocou as características de cada animal numa outra folha de papel e prendeu ao lado dos cartazes. Eu dei um grito de euforia. Minhas colegas caíram na gargalhada. “Mas é assim mesmo que eu sou!” Quase gritei. O professor esboçou um largo sorriso para mim. Achei aquele começo de aula dez.

– Lembrem-se: esses animais são vocês hoje. Eu queria que cada um de vocês o levasse para casa e pensasse nele ainda. Pense na possibilidade de ser o oposto dele. E uma vez sendo o oposto, que animal você seria? Pois é nesse animal que você vai se transformar, ou não, no fim deste curso. Até lá, teremos uma longa caminhada. Por hoje é só. – E se despediu da turma.

Eu não sei por que, mas comecei a pedir perdão a Deus por ter amaldiçoado tanto a professora de educação ambiental.



“Eu sou um antílope! Eu sou um antílope!” Saí bradando pelo meio da casa. Minha mãe pensou que eu tivesse brigado com alguém no curso. Estava tão feliz que não percebi que minhas palavras de contentamento mais pareciam frases sem nexos, oriundas de uma grande discussão acirrada entre mim e outra pessoa qualquer.

Ela me pegou pelo braço assustada: “Que é antílope, menina?” Joguei-me na cama gargalhando. Ela não entendeu nada. Voltou resmungando para a cozinha, dizendo que eu estava ficando louca e que o melhor lugar para mim era mesmo o hospício.









2

NO DIA SEGUINTE, procurei ser pontual. Acabei chegando primeiro do que todo mundo. Quando entrei na sala, o professor já estava. Ele escrevia algo num bloco de anotações. Procurei tirar os sapatos sem fazer barulho para que ele não percebesse minha chegada e, pé ante pé, preparei-me para sair. Mas ele já havia notado a minha presença.

– Os últimos serão os primeiros, certo?

– Como?! – Pensei que ele estivesse falando sozinho.

– Ontem você foi a última a chegar. Hoje foi a primeira. Parece que a aula lhe causou alguma impressão.

– É, quer dizer, foi legal aquele negócio do animal ontem.

– Você se acha mesmo um antílope? – Ele olhou nos meus olhos.



– Às vezes me sinto uma gaivota, outras vezes sou um falcão ou até mesmo um ouriço... sei lá!

Ele arqueou as sobrancelhas num leve sorriso, como se dissesse que tudo aquilo era bom. Bom estar confuso de vez em quando, só pra poder encontrar um caminho, uma saída.

– Alguém já afirmou que a dúvida é a única certeza que nós temos.

– Você acha?

– Se Deus nos deixasse passar através de nossas vidas sem quaisquer obstáculos, tudo seria invariável. A dúvida sempre será um obstáculo. Mas nós não iríamos ser tão fortes se ela não existisse. Sem a dúvida, nós nunca poderíamos voar.

– É... Talvez você tenha razão.

– Um curioso aproximou-se de um casulo e percebeu que havia uma pequena abertura. Ele passou a observar a saída de uma borboleta por várias horas. Conforme ela se esforçava para fazer com que seu corpo passasse através daquele pequeno orifício, mais ansioso ele ficava. De repente, a borboleta parou de sair. Parecia que ela tinha ido o mais longe que podia e não conseguia ir mais. Ele decidiu ajudar a borboleta. Pegou uma tesoura e cortou o restante do casulo. A borboleta logo saiu facilmente. Mas seu corpo estava murcho, era pequeno e tinha as asas amassadas. O homem continuou a observá-la, porque ele esperava que, a qualquer momento, as asas dela se abrissem e seriam capazes de suportar o corpo que iria se afirmar a tempo. Nada aconteceu! A borboleta rastejou, rastejou e nada de voar. Permaneceu com o corpo murcho e as asas encolhidas. Ela nunca foi capaz de voar. O que o homem, em sua gentileza e desejo de ajudar, não compreendeu, era que o casulo apertado era necessário para que a borboleta se esforçasse para passar através da pequena abertura. Desta forma, o fluído do corpo da borboleta iria para as suas asas, deixando-a pronta para voar, uma vez que estivesse livre do casulo.



Algumas vezes, o esforço é justamente o que precisamos em nossa vida. “Eu pedi forças... E Deus deu-me dificuldades para fazer-me forte. Eu pedi sabedoria... E Deus deu-me problemas para resolver. Eu pedi prosperidade... E Deus deu-me cérebro e músculos para trabalhar. Eu pedi coragem... E Deus deu-me obstáculos para superar. Eu pedi amor... E Deus deu-me pessoas com problemas para ajudar. Eu pedi favores... E Deus deu-me oportunidades. Eu não recebi nada do que pedi... Mas eu recebi tudo de que precisava.”

– “A Lição da Borboleta!” – Recordei. Minhas colegas começaram a chegar. Eu ainda suspirava quando Bárbara me deu um beliscão. Ela tinha achado que eu estava dando bandeira demais pro professor. Respondi no mais puro monossílabo: “Eu?”

– Não, minha avó! - Ela riu, enquanto o professor pedia que a gente saísse do salão em direção ao parque da entrada do campus.







3

COMEÇAMOS O EXERCÍCIO

EM DUPLAS: um era guiado e o outro era guia. Com os olhos vendados, o guiado deveria perceber o ambiente com os sentidos (exceto com a visão, é claro). A gente deveria explorar ao máximo os outros sentidos. Depois, os papéis se inverteram, e Bárbara, que fazia dupla comigo, passou a ser a guiada. O exercício durou uns quinze minutos e, logo em seguida, voltamos para o salão onde cada dupla falou de sua experiência. Nem bem todos falaram, ele propôs de imediato outro exercício. Senti-me ofendida por não ter tido a oportunidade de falar o que eu havia sentido quando fui guiada, nem da



importância de ser o guia. Só depois é que eu fui entender que o exercício seguinte tinha ligação com o primeiro.

Ele pediu que a gente ficasse em círculo, pegou um rolo de barbante, sentou-se no meio de nós e perguntou: “Quem pode me dizer um nome de uma planta que nasce aqui?” Alguém respondeu: “Cacau.” Ele jogou o rolo de barbante segurando uma das pontas e prosseguiu: “De que precisa o cacau para sobreviver?” Outro respondeu: “Sombra.” Ele pediu ao que estava com o barbante que segurasse uma outra ponta e o jogasse para o que acabara de responder e continuou: “Quem dá a sombra?” “Árvore!” Disse outro. E o barbante girou sucessivamente, à medida que ele fazia as perguntas e os alunos respondiam. Ao final, aquele círculo tinha formado uma grande teia. Era a teia da nossa vida, no nosso ecossistema, que tínhamos acabado de formar.

Ele, então, virou-se para nós e disse:

– Suponhamos que, por qualquer motivo, eu retire um destes elementos do ecossistema de vocês. Por exemplo, uma pedra. Uma simples pedra. Você que tem uma pedra, saia do círculo sem largar o barbante. – Erich foi saindo – O que está acontecendo?

– Ele está levando Mateus, o solo! – Respondeu Monique.

– Que por sua vez está levando o mato, que está levando a grama, que está levando a árvore, que está levando o cacau etc, etc. Veem agora como cada um destes elementos é importante para que funcione seu ecossistema? Eles interagem, trocam energias. Cada um deles é importante para manter o equilíbrio, para formar uma cadeia. Eu gostaria que, de hoje em diante, vocês não vissem uma pedra como uma simples pedra. Mas que a vissem como algo muito mais do que uma pedra. Algo que faz parte de um conjunto que, se for afetado, todo o seu entorno também o será. Pensem nesta pedra com carinho. Vejam-na como uma parceira. Alguém que não está ali por acaso. Ela tem uma função, uma ordem. Não a tirem do lugar. – Ele falava com convicção.

– Professor, se minha mãe me encontrar conversando



com uma pedra vai querer me internar num hospício! – Ironizou Jean. Todos riram.

– Que internem! Que coloquem vocês num quarto, que enclausurem! Mas entendam que aquela simples pedra merece tanto respeito quanto a árvore que está lá, pertinho dela. Procurem compreender onde eu quero chegar. É claro que você não vai levar uma pedra pra sua cama e dizer: “E aí, se alimentou bem, hoje?” – Todos riram mais uma vez – Porém, certamente, irão pensar duas vezes antes de alterar um equilíbrio só por alterar. As pessoas pensam que isso tudo é romance, é poesia, que é ingênuo pensar que o ser humano é bom. O homem pode não ser, por natureza, “bom”, mas é capaz de amar, tanto como é de odiar e destruir. O que eu estou pedindo a vocês é uma coisa muito simples: Respeito! Qualidade de vida não é sinônimo de riqueza material. Qualidade de vida é sinônimo de vínculo! De ligação, não com um único elemento apenas, mas, com todo um conjunto: do ar que se respira à água que se bebe, ao alimento que se consome, à saúde que a gente obtém com tudo isso.

– E como é que a gente pode conseguir isso, professor?
– Indaguei.

– Sensibilizando. E sensibilizar é a palavra-mãe do Eco-teatro. O praticante das técnicas que aqui se apresentará deverá ser um fomentador deste “sensibilizar.” E como Sensibilizador, ele também se sensibiliza para que possa provocar esta sensibilização. Não basta crer, é preciso sentir; não basta sentir, é preciso agir. A ação é o resultado de uma sensibilização. Mas, como se sensibilizar e sensibilizar?

O primeiro passo é abster-se de qualquer “pré-conceito” estabelecido. Abdicar de concepções enraizadas em nosso eu e comprometer-se com a proposta ora enunciada. Com isso, não estou querendo insinuar que você deverá deixar de lado as experiências que vivenciou ao longo dos anos, pois estaria indo de encontro a uma pedagogia que não condiz com os princípios *ecoteatrais* que aqui serão estabelecidos.



É preciso, sim, apagar a estrutura radical que se apossa de certos conceitos, impedindo-nos de refletir sobre os novos conhecimentos que se apresentam. Na verdade, tudo que se falar sobre ecologia ou teatro, nesta proposta, não é novo. Alguém, em algum lugar, já falou isso ou aquilo. O que há de novo é a forma pela qual se pode entender ecologia e meio ambiente, usando o teatro como seu meio de comunicação e reflexão.

Pois bem. Quebrando esta estrutura radical pré-concebida (como a ideia, por exemplo, de que ecologia e meio ambiente são a mesma coisa), você poderá fazer um acordo consigo mesmo, estando apto a apreender os novos conceitos e os meios pelos quais eles serão enunciados. Chamaremos esta estrutura radical pré-concebida de “quarta parede.” A quarta parede no teatro é uma espécie de parede imaginária que separa o palco da plateia. No teatro ilusionista, a plateia assiste a uma ação que acredita acontecer independentemente dela, atrás de uma divisória transparente. Sua primeira ação, então, será a de quebrar esta quarta parede. Quebrando-a, você permite que o ambiente ceda. A ruptura desta estrutura é a porta para a entrega. Assim você abre espaço para as etapas subsequentes.

O segundo passo é o compromisso. Se você estabelecer um contrato pessoal consigo, elementos indispensáveis à trajetória, como criatividade, produção e reflexão, serão inevitáveis. A criatividade é intrínseca. Lâmpadas vão brilhar na sua cabeça a partir do momento em que você lançar a semente (entenda aqui como “dar o primeiro passo”). E quando a semente é lançada, vem o *feedback*. E, com ele, a produção coletiva e individual de cada ator participante dos jogos. Podemos estabelecer, também aqui, a busca contínua de material de apoio em leituras de livros, jornais e revistas especializadas. A pesquisa é uma ferramenta indispensável quando se está trabalhando com jogos e exercícios (proposta de toda a metodologia). É preciso tomar conhecimento de toda e qualquer atividade que for desenvolvida. Assim, discutindo e analisando os resumos de cada exercício, o Sensibilizador poderá dirimir dúvidas e propor novas discussões.



O terceiro e quarto passos correspondem à organização e ao registro. Organizar e tomar notas são ações muito importantes. Primeiro, porque mostram a seriedade com que você sensibiliza seus atores e, segundo, porque apontam uma postura de referências posteriores para reflexão e análise.

A responsabilidade para com a proposta está implícita em cada um destes passos. Você só precisa compreendê-los. Não há nenhum dragão de sete cabeças em sua operacionalização. Todavia, toda ação que requer reflexão e posterior reação exige dedicação. Ser dedicado é ser responsável. Não exija nada de seu ator que você não pediu. Não lhe delegue responsabilidades que até para você parecem impossíveis. Seja objetivo, pragmático. A “experientiação” lhe mostrará como e até onde ir com os jogos. Não proponha soluções visando ao resultado final. Em Ecoteatro esta questão é a última. Busque, no processo de construção de ideias, o caminho mais eloquente para a troca de experiências, descobertas, estratégias e consecução de resultados.

Para formar atores verdes, o Sensibilizador precisa edificar uma relação de autoconfiança e respeito mútuo, congregando aí uma série de discussões que possibilitem a formação de um senso crítico e fomentador de ideias. A natureza, por ser intrincada, exige um estudo sistemático, isto é, um trabalho de composição, com os diversos elementos vistos como um todo, partes de um sistema maior. O Ecoteatro demonstra essa visão holística.

Algumas indagações devem permear todos os jogos e exercícios: “Que exemplos podemos tirar deste jogo ou exercício na relação entre homem e natureza?” ou “O que podemos fazer para impedir isso ou aquilo?” ou ainda: “Por que situações como estas ocorrem?” O objetivo essencial do Sensibilizador deve ser o de fomentar a criação de uma autossuficiência criativa e, concomitantemente, reflexiva e atuante no Ator Verde. E este, por sua vez, sentir-se-á sensibilizado e capaz de ser multiplicador, um novo Sensibilizador. – Finalizou.

Ficamos em silêncio por um tempo. Foi nossa segunda aula e eu nem lembrava mais dos meus “pré-conceitos.”







4

ACORDEI NO TERCEIRO DIA

achando que era uma pedra. Tive sonhos a noite toda com elas. E me lembrei das muitas que joguei da ponte, no rio, quando vinha andando da escola para casa no meu tempo de ginásio. A gente apostava pra ver quem iria conseguir fazer com que a pedra tocasse três vezes ou mais na superfície da água antes de afundar. Eu parecia um menino, de cabelos curtos. Enfrentava quem quer que fosse no murro. Não tinha medo de ninguém. Fosse menino ou menina. E agora eu estava ali, sentada na cama, pensando naquelas pedras no fundo do rio, afogadas.

Quanta bobagem! É claro que o professor não disse nada disso. Mas o fato é que, de tanto a gente jogar pedra no rio, muitas canoas que passavam por baixo da ponte furavam o casco. Graças a Deus que ninguém nunca se acidentou e nem soube quem jogava pedras no rio.

Troquei de roupa, tomei um banho e resolvi dar um pulo na biblioteca da universidade. Queria saber um pouco mais sobre Ecoteatro; ficar mais esperta. O professor já tinha começado a falar sobre o conceito e a ligação entre o teatro e a ecologia. Eu não sabia dizer se os exercícios tinham mais de teatro, de ecologia ou se era meio a meio. Todavia, se o objetivo maior era abordar todos aqueles princípios ecológicos, então havia mais de ecologia do que de teatro. O fato é que ninguém poderia falar tão bem de ecologia por meio daqueles jogos se não soubesse um pouco de teatro. Foi pensando assim que eu passei a me interessar também pelo teatro. Meu irmão já tinha me falado de uma forma diferente de encarar o mundo, as coisas, quando você faz teatro. Achava isso uma bobagem, até o dia em que assisti a uma aula pública no auditório, logo depois que saí da biblioteca. Daquele dia em diante, eu quis logo fazer teatro. Parece que estava dentro de mim aquela vontade louca de interpretar, de ser outra pessoa, de personificar alguém.

Acontece que a gente não pode ir com muita sede em busca de algo, pois acaba se decepcionando. Então, eu pensei com os pés no chão e decidi que ainda não era o momento de fazer um curso de teatro. Eu já fazia um curso de inglês, estava no Ecoteatro que, de certa forma, também era teatro, malhava e estava terminando um curso de informática. Fazer teatro só por diversão não valia a pena. Eu queria fazer teatro para viver o teatro. Para sentir aquele friozinho na barriga antes de entrar em cena; para sentir as emoções da personagem; para aprender com o meu parceiro as suas reações e compartilhar os seus anseios e dúvidas. Eu queria ir bem fundo, para ler o mundo, os seres, as cores, as pessoas. Foi assim que entendi o que era teatro.



Na biblioteca não havia nada sobre Ecoteatro, mas navegando pela internet encontrei três sites sobre o assunto. Dois deles do próprio professor e um outro tinha apenas citações. Um pensamento do primeiro site me chamou a atenção: “Nunca podemos falar da natureza sem, ao mesmo tempo, falarmos sobre nós mesmos.” O pensamento era de um tal Capra e estava no seu livro *O Ponto de Mutação*.

Esse Capra tinha razão. Como dissociar o homem da natureza se todos nós viemos dela? Será que o homem não consegue enxergar que viemos do pó e ao pó retornaremos? Vaidade! Tudo isso é vaidade humana. Tenho certeza que eu li isso em algum lugar. Bem, não importa. O que importa mesmo é saber que Deus está no controle de tudo. Algumas pessoas podem não acreditar nisso. Nem sei se o professor acredita. Mas eu sei que, um dia, a natureza vai responder. E vai ser uma resposta rápida, sem avisos, como ela tem feito paulatinamente. Espero, até lá, compreender melhor este ser que tenta entender o mundo e as mudanças que nele ocorrem, quando, na verdade, deveria tentar compreender a si próprio.







Relacionamento

“ *Ecoteatro não é teatro. Mas se apodera de sua filosofia, de sua sociologia, de sua geografia teatral para explicar o que é ecologia, o que é meio ambiente.* ”







5

– **PROFESSOR, ECOTEATRO É CIÊNCIA OU ARTE?** Mateus perguntou do fundo do salão. O professor (quer dizer, o Sensibilizador – como passou a se chamar depois daquela aula sobre sensibilização) se virou para ele e disse:

– Para meu colega Sílvio Zamboni, em *A Pesquisa em Arte – Um paralelo entre Arte e Ciência*, é o seguinte: “Na realidade, o que existe são formas de pensamento que mais usualmente se relacionam ao tipo de atividade utilizado em arte e outras comumente relacionadas com as de ciência. Uma das diferenças entre essas formas é que a explicação na ciência é sempre de caráter geral, procurando sempre leis que



sirvam para generalizações que possam ser aplicadas a outras realidades, enquanto a explicação artística é extremamente particular, não passível de grandes generalizações, mas, mesmo assim, transmite invariavelmente mensagens de natureza bastante ampla.” E, mais adiante, ele complementa: “A arte e a ciência, enquanto faces do conhecimento, ajustam-se e se complementam perante o desejo de obter entendimento profundo. Não existe a suplantação de uma forma em detrimento da outra. Existem formas complementares de conhecimento, regidas pelo funcionamento das diversas partes de um cérebro humano e único.”

– Bem. Diante do que acabei de expor, isto significa que existe por trás do Ecoteatro uma ciência teatral. E isto é muito claro. E, ao mesmo tempo, uma arte. Tudo o que acontece em Ecoteatro é uma experiência que pode ser dividida, classificada, manipulada. Leia-se: ciência! É uma demonstração de psicologia aplicada, de causa e efeito, ação e reação. Leia-se: arte.

– Tudo bem. Você pode estar pensando agora: “Se arte é conhecimento por si só, pra que ela precisa da ciência?” Ou ainda, “como poderemos classificar e enumerar uma experiência em Ecoteatro se o próprio teatro é peculiar a cada indivíduo?” Ou seja, cada um sente e transmite como vivenciou e não como deveria ser matematicamente.

Ora, é óbvio que toda e qualquer emoção é particular e única. Acontece que ela precisa caminhar para a racionalidade. É aí que a ciência entra e se torna parceira da arte no Ecoteatro. Haverá momentos em que ciência será arte e arte será ciência. As palavras de Zamboni caem calculadamente nesta concepção, porque – como ele mesmo afirmou – “Não existe a suplantação de uma forma em detrimento da outra.”

Pode parecer paradoxal, mas a intuição vale tanto para a ciência como para – e principalmente – a arte. Ecoteatro encontra aqui um paralelo que, se não conseguiu, tentou estabelecer uma proposta de sensibilização. Não há, em ne-



nhum momento, um caráter perpendicular, pois toda proposta é passível de discussões.

– Vamos para o próximo exercício. Na verdade, não é bem um exercício, é um jogo de sobrevivência. Vejamos: o jogo consiste em colher o maior número possível de flores. Quem deve colher as flores são os jardineiros. Só que as flores são protegidas pelas lagartas. Os jardineiros não podem ser pegos pelas lagartas. O jogo termina quando não houver mais flores ou jardineiros. Eu quero que vocês se dividam em dois grupos: de um lado, os jardineiros; do outro, as flores e, no meio, uma lagarta. Você – ele apontou para mim – é a lagarta! Sua função é impedir que os jardineiros colham as flores. Se você tocar nos jardineiros, eles saem do jogo. Se os jardineiros conseguirem colher todas as flores, o jogo termina. Valendo!¹

Os grupos se dividiram excitados. Aquele jogo, aparentemente infantil, mexeu com os neurônios da turma. Ninguém queria ser pego por mim. Todos tentavam, de todas as formas, livrar-se da terrível lagarta. Cada jardineiro pego por mim eu vibrava. Era como se eu estivesse defendendo meu território. Ninguém poderia se aproximar. No final, não havia mais jardineiros. Eu venci o jogo.

– Como vocês, jardineiros, sentiram-se ao colher as flores? – O Sensibilizador começou o debate. Eu ainda conversava com Bárbara sobre as emoções que senti. Todos estavam reunidos em círculo. A gente sempre discutia, no final de cada jogo ou exercício, sobre as reações de cada um.

– Impotente! – Comentou Tarcísio.

– Eu me senti um guerreiro! Eu queria, de todas as formas, colher uma flor, ficasse ela viva ou morta. – Era Mateus.

– Deu-me vontade de esganar aquela lagarta! – Esbra-

¹ Este e outros jogos e exercícios podem ser encontrados no livro “Ecoteatro”, do próprio autor, publicado pela Editora Via Litterarum, em 2011.



vejou uma garota que eu não conseguia lembrar o nome. Eu dei risada quando ela comentou isso. E acrescentou: – Sei lá! Parecia que aquelas flores eram a vida dela e que se alguém as tocasse, morreria.

– Era assim mesmo que eu me sentia. – Sorri.

– Calma! Depois vai chegar a sua vez. Segura um pouco essa excitação. É muito normal quando a gente tem outro caminho. Mas a ideia é outra. – O Sensibilizador estava circunspecto. Não sei se ele me deu uma bronca ou tentou me dizer que toda aquela euforia que eu senti foi falsa. Tentei não me precipitar no julgamento.

– E as flores? Como se sentiram? – Continuou.

– Jogadas! – Disse uma.

– Simples objeto! – Comentou outra.

– Como algo que estava ali apenas para satisfazer o desejo de alguém. – Pontuou Bárbara.

– Ah, pra mim, ser flor é como ser uma estrela brilhando na mata escura em meio ao orvalho que escorre nas pétalas! – Regina viajou na maionese. Nunca dizia nada com nada. Todos caíram na gargalhada. E ela crente que estava abafando. Era uma exibida, isso sim.

– Pois bem. E você, lagarta? Pelo visto, parece que sentiu mais do que todos os outros. – Era afirmação ou uma pergunta? Ironia ou hipótese? Tentei ponderar respondendo:

– Olha, professor, quer dizer, “Sensibilizador,” eu não sei muito bem onde o senhor quer chegar com esta sua afirmação ou indagação. Também não sei lhe dizer se senti mais do que todos os meus colegas. O fato é que eu vivenciei aquela situação, entende? Na minha concepção, eu era aquela lagarta. Eu queria defender meu habitat. As flores eram minha casa, minha vida, meu alimento. Se elas fossem tiradas de mim, eu morreria. E depois, eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, quando eu fosse uma borboleta elas, seriam meu néctar, meu porto seguro, entende?



– Acontece, Joslene – era a primeira vez que ele me chamava pelo nome – que você fez duas coisas ao mesmo tempo. O que é legal. Mas também é nocivo. Quando eu disse que a gente tem outro caminho, eu me referi a nossa meta que é a de formar Atores Verdes, pessoas realmente preocupadas com o processo de conscientização ambiental, que possam defender ideias, criar alternativas.

– Professor, a lagarta pra mim era um Ator Verde. Alguém que estava preocupado com o seu habitat natural, com a sua relação com o meio. – Retruquei.

– Ótimo! Nós percebemos isso. Acontece que a ênfase maior recaiu no teatro. E a gente não quer formar atores de palco, de tablado, de luzes. Atores que existem quando as luzes brilham ou quando as cortinas se abrem. Queremos atores que se dirijam à plateia, sentem do lado dela e discutam com ela seus medos e anseios. Não queremos que as pessoas assistam nossa luta. Queremos que elas participem da luta. Em outras palavras, elas têm que subir no palco também. Entendeu?

– Não! – Repliquei outra vez. Eu já tinha entendido. Mas eu tenho um grande defeito: não me diga que estou errada na frente das pessoas que eu viro um bicho! Ele nem ligou. Esboçou um sorriso, pois sabia que eu tinha entendido e concluiu:

– Ecoteatro não é teatro. Apodera-se da filosofia teatral, de sua sociologia, de sua geografia teatral para explicar o que é ecologia, o que é meio ambiente. É claro que a gente vai fazer teatro em alguns momentos. Afinal, nossa vida já é teatro. Mas não podemos descaracterizar a proposta ecoteatral.

– Um momento, professor. Ecologia e meio ambiente não são a mesma coisa? – Os demais arquearam os ombros. De repente, aquela dúvida parecia ser a de todos. Erich foi feliz em seu questionamento.

– Negativo! Eu sei que quando se fala em Ecologia, a primeira imagem que vem a nossa frente é a de meio ambiente. Ecologia deriva de duas palavras gregas: *oikos*, que quer di-



zer “casa”, e *logos*, que significa “estudo.” Portanto, Ecologia é a parte da Biologia que tem por objeto de estudo as relações dos seres vivos com seu meio natural e sua adaptação ao ambiente físico. É uma ciência que estuda a dinâmica dos ecossistemas, ou seja, os processos e as interações de todos os seres vivos entre si e destes com os aspectos morfológicos, químicos e físicos do ambiente, incluindo os aspectos humanos que interferem e interagem com os sistemas naturais do planeta. É o estudo do funcionamento do sistema natural como um todo e das relações de todos os organismos vivendo no seu interior. Meio ambiente, por sua vez, é um termo que tem sido utilizado para indicar um espaço em que um ser vive e se desenvolve, trocando energia e interagindo com ele, sendo transformado e transformando-o. Ecologia e meio ambiente não são, nem nunca foram, sinônimos!

– Desta forma, professor, fica mais fácil entender Ecoteatro. – Suspirou Erich e prosseguiu – A interpretação de Joslene não deixa dúvidas. A reação dela como lagarta explicou muito bem o conceito de Ecoteatro e Teatro. Se a gente for fazer novamente este jogo, garanto que a reação dela vai ser outra.

– Eu também não tenho dúvidas, Erich. Agora, a parte legal do jogo, voltando à reação da lagarta – ele riu – é que ela transmitiu perfeitamente, como você bem observou, o conceito de Ecoteatro, que nada mais é do que sensibilizar estando sensibilizado. Viver, sentindo. E não, sentir por sentir. Há toda uma proposta de convicção com argumento e vivência.

Ecoteatro é um ramo do Teatro que tem por objetivo aproximar o indivíduo do meio ambiente, através do jogo teatral. É também a ciência que tem por objetivo a sensibilização do indivíduo frente aos problemas ambientais. E mais: é uma ação globalizadora de teatro e ecologia onde ele - o Teatro – empresta a ela – a Ecologia – o caminho conducente à revelação dos seus princípios.



Ecoteatro está longe de ser um método. Muito menos uma teoria. É, acima de tudo, como eu bem afirmei na aula passada, sensibilização. Ecoteatro é o caminho da Ecologia no Teatro. A união destas duas concepções fortalecerá a expressão de sentimentos (função do teatro) e a sustentabilidade (pressuposto ecológico), que agrega o objetivo comum. É função do Ecoteatro sensibilizar o indivíduo para que possa ser parte integrante da natureza e não mero espectador do fenômeno ecológico-teatral. É preciso que o Ator Verde perceba os processos pessoais como elementos indispensáveis para que possa atuar de modo reativo, propositivo, dinâmico, criativo, responsável e respeitoso em relação ao meio ambiente. É preciso também conhecer a trajetória que o conduzirá a adquirir estes elementos – neste caso, o Teatro.

Nossa maior prioridade é recuperar o controle de nossos sentimentos frente aos fenômenos ecológicos, através de uma estreita e linear ligação com o meio ambiente e suas implicações socioculturais. “A terra não é apenas fonte de alimentos, mas também de alimento espiritual.” Agir é a melhor maneira de participar. O ponto de partida para um Ator que pretende ser “Verde” é a ação e não teorias ou métodos. Ecoteatro, repito, não é nem uma coisa nem outra, é ação. E como toda ação, requer participação. Ecoteatro é vida. Vida em abundância, porque retrata os seres e as formas do Criador, sem cair no poético, ater-se ao religioso ou se perder no filosófico.

Ele girou rapidamente sobre a cadeira e foi saindo do salão dizendo:

– Amanhã não tragam mochilas, bolsas e nem cadernos!

– Alguém anotou? – Pilheriou Bárbara.

A aula foi dez.



Até Mais Verde

Cheguei em casa e fui direto para o quarto. Deitei na cama olhando para o teto. Da sala vinha o som da TV anunciando um incêndio de proporções gigantescas que estava destruindo uma grande área florestal na Austrália. Em outros tempos aquela notícia passaria despercebida. Todavia, naquele momento eu me senti responsável por aquela catástrofe. Quantas formas de vida não foram afetadas com aquele fogo? Quantas cadeias alimentares não foram destruídas?

Talvez, num primeiro momento, possa parecer que apenas a Austrália irá sofrer com todo aquele desastre. Porém, se a gente pensar direitinho, vai ver que muitos países vizinhos poderão sofrer com aquela destruição. Se muitas teias alimentares forem destruídas, algumas espécies poderão se desenvolver mais que outras e tornar-se verdadeiras pragas. Alimentos, pessoas, muitas formas de vida podem ser afetadas. Seja pelas correntes de água, pelas lufadas dos ventos, a contaminação poder chegar a qualquer lugar. Até aqui, onde estou agora.

Mas, eu ainda estava magoada. Embora o professor tentasse se desculpar quando finalizou sua explicação, eu achei que ele tentou me queimar. Quis, sim, me dar bronca. Eu não sei por quê. Mas ele quis.

Eu acho que Ecoteatro é como um prisma de cristal. Suas facetas iluminam um pensamento integralizado. Como ciência, mostra a interação do Teatro com a Ecologia; como filosofia, busca interpretar a ação do homem na natureza; como sociologia, procura estreitar os relacionamentos, a convivência. Como geografia, ele procura ver o espaço que esse mesmo homem ocupa no meio ambiente. Agora, como arte, acredito que Ecoteatro é, acima de tudo, amor. É, amor. A arte pode até ser uma metáfora. Ela consegue refletir o que pensamos e o que somos.

Por que consigo pensar em todas essas coisas, mas não sei dizê-las lá, no curso? O que me impede? A dúvida? O medo? O amor? Deus! Será que me apaixonei pelo Sensibilizador?



Tolice! É melhor destruir logo essa cadeia alimentar antes que ela vire uma praga! E que praga!

Passava da meia-noite quando o telefone do meu quarto tocou. Acordei assustada. Não sei se estava tendo um pesadelo ou um sonho. Só sei que ao invés de dizer alô, respondi:

– Eu não sou uma raposa, sou um antílope, não lhe disse?

– Como é que é? Você está ficando doida, é? – Bárbara ria do outro lado da linha – Acorda, borboleta! Preciso falar com você.

– Bárbara?!

– Quem você esperava que fosse? O professor de Ecoteatro?

– Não brinca! Acho que estava tendo um pesadelo.

– O Ecoteatro está subindo pra cabeça. Não há quem não esteja gostando do curso. É uma pena que ele vai acabar no sábado.

– Ecoteatro não é pesadelo, é sonho! – Quase gritei.

– Calma! Eu não disse nada.

– Desculpe, Bárbara. Acho que ainda estou dormindo. Diga-me, o que você quer mesmo, a essa hora?

– Saber do seu coração, cara amiga.

– Ah, Bárbara, não vá me dizer que você acha que eu...

– Acho não, querida, tenho certeza!

– Bárbara, relaxe com suas intuições amorosas. Vá dormir um pouco. Amanhã, na aula, a gente conversa, está bem? Boa noite!

– Peraí, Jô! Eu estava só brincando. Só queria falar com você sobre um artigo interessante que eu li sobre Psicologia Ambiental. Achei que você gostaria de saber.

– Psicologia Ambiental? E a Psicologia também se preocupa com estas questões?



– E como! Ela estuda como o indivíduo avalia o ambiente e como este está sendo influenciado por ele. Por exemplo, o que acontece com você dentro da sua casa? Seus pais, seus irmãos, a secretária conseguem influenciar você nas suas ações e percepções do dia a dia? Eles conseguem satisfazer suas necessidades?

– Você deve estar com ironia, não é, Bárbara?

– É sério! Ela ainda vai mais além: ela se preocupa, por exemplo, com a cidade e como ela influencia no seu comportamento e no seu cotidiano.

– Você acaba de mostrar o caminho para que possa descobrir porque detesto tanto esta cidade! Onde é que a gente pode encontrar um psicólogo ambiental?

– Você anda mesmo estressada, Joslene. Se você quer saber mesmo, estresse é a palavra-chave quando se fala em Psicologia Ambiental. Vou dar uma pesquisada na internet para ver se encontro um bom psicólogo para você.

– Talvez não precisemos ir tão longe – Insinuei. A imagem do Sensibilizador não saía da minha cabeça. Não sei se ela entendeu o que eu quis dizer.

– Tem razão. Amanhã eu lhe mostro o artigo. Boa noite!
– Desligou.

– Boa noite, Bárbara. – Sentei na cama pensativa.





Mudança

“ Porque o que sucede aos filhos dos homens, isso mesmo também sucede aos animais. ”

Eclesiastes 3:19





6

PENÚLTIMO DIA DO CURSO.

Quando eu cheguei ao salão, quase todo mundo já havia chegado. Exceto Bárbara. Estava ansiosa para falar a verdade pra ela. Não consegui dormir direito na noite anterior. E a gente precisava arranjar um jeito de se aproximar mais do professor. Talvez a questão da Psicologia Ambiental resolvesse o problema. Pensei num plano a noite toda.

Meus pensamentos foram interrompidos pelas palavras iniciais do Sensibilizador. Sua voz penetrava em meus ouvidos como uma melodia. Todavia, políciei-me o tempo inteiro. Não queria mesmo dar bandeira. Aquele olhar demorado depois



daquela história da borboleta quase me denunciou.

– Vivemos num mundo antiecológico. As pessoas acham que nós, ecologistas, somos baderneiros, desocupados, radicais, que não gostamos de trabalhar e que atrapalhamos quem realmente quer produzir alguma coisa. Quanta desinformação! De quem é a culpa, afinal? O nosso mundo é tão antiecológico que, um dia, eu estava lendo uma notícia que vinha dos Estados Unidos, que dava conta de que uma criança que morava numa metrópole de lá, devido às circunstâncias (escola, cursos etc) não conhecia de perto os animais domésticos, como o galo e o boi, quer dizer, só mesmo pela televisão. Uma criança como essa come uma galinha e talvez nem saiba que o corpo dela é coberto de penas! Olavo Batista, em seu livro *O Homem e a Ecologia*, pergunta: “Como as crianças poderão entender as palavras de Jesus dirigidas a Pedro?”

– Professor, o senhor está sendo um pouco radical, não acha? – Disse uma colega.

– Agora veja, se você que está aqui fazendo este curso me acha radical só porque fiz estas observações comuns, como não devem pensar aquelas pessoas que detestam os ecologistas só porque acham que nós somos uns oportunistas?

– Não vou mentir, Sensibilizador – comecei a falar – era assim mesmo que eu pensava. Bastou apenas aquele primeiro exercício para que eu começasse a mudar minha cabeça. E olhe que ainda existem coisas que eu não aceito muito bem.

– Isso é bom. Se conseguirmos mudar você, que se dizia tão cética quanto à questão ambiental, isto nos dá um pouco mais de esperança.

Continuei:

– Eu era cética mesmo. Imaginem vocês que eu achava uma grande estupidez o trabalho daqueles ambientalistas que lutam pela preservação do mico-leão-da-cara-dourada, enquanto na periferia das grandes cidades, dezenas de



crianças morrem de fome todos os dias!

– Se para salvar as crianças morresse todo dia uma espécie, criaríamos aí um dilema. Um falso dilema! – Exclamou o Sensibilizador.

– Perfeitamente! Uma ação não diminui outra ação. A miséria é uma questão de ordem socioeconômica, e sua importância não é, de modo algum, desvalorizada porque a gente se preocupa com o desaparecimento do mico ou do lobo-guará! – Completei.

– Pelo visto você gosta muito de ler. – Recebi esta afirmação do Sensibilizador como um elogio. Meu coração foi na boca e voltou. Algumas das minhas colegas me olharam desconfiadas. O Sensibilizador, de súbito, saltou sobre uma cadeira e ficou em pé em outra gritando:

– Comecem a andar! Comecem a andar!

E nós começamos a andar pelo salão. Bárbara foi chegando nesta hora. Corri até ela fazendo sinal de que queria fofocar após a aula.

– Resolveu finalmente se confessar? – Ela esboçou um largo sorriso.

– Confessar-me? – Respondi ingenuamente.

– Ou você acha que eu não entendi aquele “talvez não precisemos ir tão longe?” – Riu outra vez. Eu respondi arqueando os ombros e as sobancelhas.

Formamos um grande círculo cantando alegremente, como crianças, várias canções infantis. Eram cantigas de roda que se misturavam com parlendas e outros jogos de palavras. Não estávamos segurando nas mãos uns dos outros, mas nos ombros, como um trenzinho, onde todos eram a locomotiva.

O Sensibilizador pediu que cada um de nós falasse o nome de um elemento indispensável à vida do planeta, sem parar de andar e cantar. E um a um foi dizendo o que lembrava: “Ar,” “Terra,” “Árvore,” “Água...” Se por acaso alguém desejasse repetir a palavra do companheiro, podia. As-



sim, água foi o elemento mais repetido. Umas cinco pessoas mencionaram a água como o elemento indispensável à vida.

Subitamente, ele parou de cantar e andar. Ficamos ainda em círculo, segurando no ombro do companheiro. Em seguida, ele pediu que cada um sentasse no colo do outro, harmoniosamente, e de forma que ninguém caísse. A princípio, pensei que todos fossem cair, mas, como jogo do dominó, todos estavam sentados uns nos outros em total equilíbrio.

– Houve na Terra uma grande catástrofe ambiental e toda a água do planeta desapareceu. Quem disse que a água é o elemento indispensável à vida no planeta Terra saia do círculo rapidamente!

Quando as cinco pessoas que haviam dito saíram de uma vez, todos nós caímos uns por cima dos outros. Foi uma gargalhada geral. Dava pra gente continuar sem cair, mas parece que todo mundo ficou inseguro e se jogou no chão.

Depois de passado o pequeno susto ele voltou a indagar:

– Quem gostaria de comentar a experiência?

– Esse exercício lembra aquele da teia, Sensibilizador. Havia um equilíbrio, porém, ele foi quebrado quando a água saiu do sistema a que ela pertencia. – Finalmente, Regina, cabeça de vento, tinha acertado uma.

– Assim como aquela pedra – maldita pedra! – a água é um elemento importantíssimo para manter um conjunto de elementos em perfeito equilíbrio – Comentei.

– Por que maldita pedra? – Ele perguntou, curioso.

– Porque naquele dia daquela aula eu sonhei com pedras a noite toda! – Disse. Todo mundo caiu na gargalhada.

– Quem gostaria de colocar mais alguma coisa? – O Sensibilizador tentava se controlar. Até ele não aguentou minha revelação.

– Eu sei que a água é importante, mas, pra que a gente se preocupar tanto se tem tanta água potável no mundo? – Retrucou Mateus.

– Cara, para sua compreensão, se toda a água que



existe no planeta coubesse em uma garrafa de refrigerante de dois litros, o que poderia ser aproveitado para consumo humano seria metade do volume da tampa da garrafa. Outra coisa: se todo mundo começar a pensar assim como você, daqui a algum tempo, ela não dará nem para pingar na tampa. De todo o volume de água que existe na Terra, não chega a 4% de água doce.

– Mateus, o apagão não serviu para você como uma lição, não? – Erich gritou lá do fundo e completou: – Pra economizar energia, meu, tem que economizar água!

– Eu não sei como ainda tem gente que quando está escovando os dentes deixa a torneira aberta. – Bárbara tentou me dar uma indireta. Ela sabia que eu tinha essa mania.

– Uma torneira aberta quando se está escovando os dentes deixa cair trinta e oito litros de água. Se a usarmos apenas para enxaguar a boca, gastaremos apenas dois litros. – Informou o Sensibilizador. Depois daquele dia nunca mais deixei a torneira aberta. – Alguém gostaria de falar mais alguma coisa?

Houve um breve silêncio. Ninguém tinha mais nada para acrescentar, exceto Bárbara.

– Professor, o senhor entende de Psicologia Ambiental?

– Ela piscou o olho para mim. Eu tentei lhe dar um beliscão.

– Já li alguma coisa a respeito. Aliás, é preciso entender um pouco de Psicologia Ambiental quando se está trabalhando com Ecoteatro. Primeiro, porque para que você possa conscientizar o indivíduo da importância de conservar a água, por exemplo, é preciso entender que tipo de relação ele tem com ela. Se ele foi uma pessoa que morou muito tempo no sertão, certamente sua conscientização será mais rápida. Entretanto, se ele morou num lugar onde uma pessoa deixa uma torneira aberta sem usar, enquanto lava o carro, ou se seus irmãos e até seu próprio pai passa sabonete em todo o corpo quando o chuveiro parece uma queda d'água, sua conscientização será muito lenta. Você não acha?



– Saquei! O importante é entender a relação e não o objeto em si, certo? – Prosseguiu. Onde ela queria chegar? A resposta veio logo em seguida.

– É. Você gostaria de conhecer um pouco mais sobre essa linha de trabalho?

– Na verdade não sou eu. É minha amiga aqui. – Apon-
tou para mim.

– Bárbara! Eu não lhe disse nada disso. – Fiquei furiosa.

– A Psicologia Ambiental trabalha um problema a partir de abordagens de níveis diferentes. Eu acredito até que ela pode explicar porque um determinado indivíduo não gosta de morar na cidade em que nasceu. – Ele tocou no meu dilema. Não resisti.

– Realmente, Sensibilizador, nós ficamos interessadas no assunto. – Justifiquei.

– Vou ver se consigo trazer alguma coisa amanhã. Mas, antes de encerrar a aula de hoje, eu gostaria de dizer mais algumas coisas. – Ele caminhou pela sala – Suponhamos que o indivíduo seja um vidro. Pode ser até que o vidro seja uma comparação esdrúxula. Todavia, este vidro deve ser suscetível de sofrer, sob a ação da luz, transformações físico-químicas permanentes. E para que essas transformações ocorram, é preciso fazer com que esse indivíduo perceba-se como parte integrante da natureza e não como dono do mundo. Se você conseguir esta integração não será difícil resgatar a sacralidade da natureza. O homem tem que perceber que ele é apenas mais um ser vivo. “Porque o que sucede aos filhos dos homens, isso mesmo também sucede aos animais; a mesma coisa lhes sucede: como morre um, assim morre o outro, todos têm o mesmo fôlego de vida.” – Eu sabia que já tinha ouvido isso. Claro, estava escrito no livro de Eclesiastes, o livro do pregador. Ele seguiu:

– Ora, se o Ator Verde agora é um vidro, quem é a luz? O meio ambiente. E, se estamos tratando de meio ambiente, natureza, ecossistema, todo e qualquer jogo ou exercício não



pode estar distante de seu habitat natural. Correto? Então, quando vocês se tornarem multiplicadores desta concepção, escolham um local aberto onde as pessoas – adultos, jovens, crianças – possam ter um contato direto com a natureza. Se houver riachos ou rios próximos, excelente; canto de pássaros ou corujas, maravilhoso! É preciso sentir o ambiente, tocá-lo, vivenciá-lo. Cada encontro não deve durar mais que duas horas. O grupo deverá ter entre 16 e 20 atores; os encontros devem acontecer sempre em horários em que o sol é mais frio: aurora ou entardecer. Podem também ocorrer à noite, desde que haja boa iluminação.

Será preciso, a princípio, forrar o chão com uma lona. Depois, os exercícios serão feitos no chão mesmo, sentindo a grama, a terra, a lama ou a areia. Não esqueça o caderno de registros para os resumos de verbalização dos exercícios e jogos. Torne o ambiente agradável, aconchegante. A primeira impressão é fundamental! – Virou-se para mim – Outro detalhe muito importante sobre o processo de sensibilização é a questão da absorção. Querer transformar o indivíduo em Ator Verde num primeiro jogo ou exercício, tudo que eu falei aqui pra vocês não valeu de nada. Todo o processo, sem sombra de dúvidas, se dá por osmose. Quando o indivíduo se entrega, ocorre uma troca entre ele e o meio ambiente. É preciso que o Sensibilizador crie situações em que a pessoa possa permitir essa troca.

Hoje foi a nossa penúltima aula. A gente poderia ficar um semestre inteiro trabalhando Ecoteatro que não faltariam jogos e exercícios. Mas, se tudo isso não for acompanhado de quatro etapas muito importantes, como Sensibilização, Ação, Conhecimento e Conscientização, trabalhadas em conjunto, nada do que falei nestes últimos dias terá sentido.

Ele caminhou até uma extremidade do salão e pegou uma jarra com água. Pediu que a gente se preparasse para ir e aguardou cada um calçar seu sapato ou trocar sua roupa no banheiro. Depois, pediu que a gente formasse um círculo e disse:



– Esta água é a única que vocês possuem para chegar até em casa. Se vocês conseguirem chegar à casa de vocês com um pouco desta água, nada do que falei aqui foi em vão. Estendam as mãos. – Ele se aproximou e derramou um pouco de água em cada uma das mãos das pessoas do grupo – Levem-na para casa. Não importa o quanto dela vai restar. Nem que seja uma única gota, mas ela tem que chegar à sua casa.

Todo mundo arregalou os olhos. Era impossível chegar em casa com aquela água nas mãos. O mais sensato seria colocá-la num copo descartável. Mas ele disse que o único jeito para levá-la deveria ser com as mãos. O que será que ele queria provar? Como chegar em casa, pelo menos, com as mãos ainda molhadas? Agora eu estava entendendo o porquê de não trazer as sacolas, bolsas e outros adereços. Comecei a achar que aquele professor era maluco.





Absorção

“ Cada um de vocês tem um potencial interior, um caminho a seguir. Sei que nem todos conseguem. Mas se pelo menos apenas um de vocês conseguir, eu já me darei por satisfeito. ”



7

OS LENHADORES TINHAM COMEÇADO SUAS ATIVIDADES BEM CEDO. Trabalhavam alegremente quando foram surpreendidos pelo urro terrível de um urso. Alguns ficaram petrificados, como estátuas, sem respirar, bem do jeitinho que estavam trabalhando. Outros se jogaram no chão e permaneceram igualmente imóveis. O urso se aproximou de mansinho, rugindo, gritando, esperneando. Ele queria de todo jeito que os lenhadores acordassem de seu transe estatuesco. Mas eles estavam insensíveis até que um dos lenhadores, mais precisamente uma lenhadora, não suportou mais as investidas do grande urso e caiu na gargalhada.

Agora, após ter saído do transe, ela também era um urso. Todos os hábitos e trejeitos do urso – como num passe de mágica – haviam passado para a lenhadora. Os dois, unidos, tentavam, de todas as formas, acordar os outros lenhadores. Até cócegas eles fizeram e foram conseguindo mais adeptos, mais lenhadores-ursos, mostrando que todos os lenhadores estavam vivos!

Foi com esse jogo que teve início o último dia do curso de Ecoteatro. Segundo o Sensibilizador, este exercício-jogo teatral produzia o efeito exatamente contrário ao que seria o seu objetivo. A ideia é a seguinte: Se o lenhador adormecer seus sentidos, se conseguir não sentir nada, não ver nem ouvir nada, se se fingir de morto, o urso não o atacará, porque os ursos não devoram mortos. A instrução “não sentir nada” provoca exatamente a reação oposta e todos os sentidos se tornam hiperativados. Sente-se mais, escuta-se melhor, vê-se o que não se via, cheira-se o que não se cheirava – só fica de fora o paladar. O medo nos hipersensibiliza! O jogo é chamado de Urso de Poitiers, porque Poitiers é uma cidade francesa onde se pratica este jogo.

– Este é um jogo que faz parte do arsenal do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, que se encaixa na proposta do Ecoteatro. É bom lembrar que nem todo jogo ou exercício teatral funciona em educação ambiental. Muitos exercícios de teatro, às vezes, não dizem nada. Por isso, percepção é outra palavra-chave que a gente não deve esquecer quando está tentando conscientizar o indivíduo. Na sensibilização a gente encontra muito de percepção, de integração, relação e osmose. Compreendem? – Ele pegou uma pasta verde e olhou mais uma vez para mim – Quando a gente quer saber o efeito que um jogo ou exercício de teatro, cujo princípio é ecológico, causa no indivíduo, temos de ver primeiro se ele entendeu o jogo. Se ele não entendeu, de nada adianta. Depois, quando a gente percebe que ele entendeu, a gente procura saber por que ele agiu dessa ou daquela maneira.



Essa relação indivíduo x jogo x indivíduo precisa logo ser compreendida. É o jogo que amadurece o ser humano, porque é através do jogo que o indivíduo compreende o que a gente quer dizer.

– Eu brinco muito. Minha mãe diz que eu nunca deixei de ser criança. Sempre gostei de jogar. Eu acho, professor, que para você entender mesmo Ecoteatro tem que ter um espírito infantil. – Declarei. Não sei de onde vieram aquelas palavras. Pensei que tivesse falado a pior asneira da minha vida.

– Sábias palavras, Joslene! Sábias palavras! Pois é isto mesmo que eu estou tentando dizer – Seus olhos lacrimejaram emocionados – Friedrich Schiller diz que “o homem é realmente um homem somente quando brinca.” E Konrad Lorenz afirma que “o espírito infantil é uma das características mais essenciais, indispensáveis e humanas, no sentido mais nobre da palavra, que o homem possui.” E ainda completa dizendo que “as qualidades infantis são, sem dúvida, necessárias para o homem amadurecer. A questão é unicamente saber se a infantilização genética, peculiar ao homem, não progredirá numa medida em que possa tornar-se perversa.” Vocês conhecem a história do homem que queria encontrar uma fórmula para acabar com as guerras, a fome, a miséria e todo tipo de desigualdade?

Todos balançaram a cabeça negativamente. Ele continuou:

– O cara tinha um laboratório e já havia criado de tudo para tentar consertar o planeta e não tinha tido resultados. Um dia, trabalhando exaustivamente, seu filho pequeno, de sete anos, entrou no laboratório e pediu que bricasse com ele. O pai disse que não, que estava muito ocupado e não tinha tempo para brincadeiras de criança. Pois bem, a criança insistiu e ele, para ser ver livre dela, pegou uma página de uma revista que tinha o globo terrestre e rasgou em vários pedacinhos e deu para o filho dizendo: “Toma, vê se você consegue montar esse quebra cabeça.” E voltou a trabalhar



achando que o menino iria levar um tempão tentando montar o jogo. Em menos de cinco minutos ele montou o globo. O pai ficou super admirado, achando que o filho era um garoto super dotado, já que ele tinha montado um globo que nunca havia visto. O pai resolveu perguntar como ele conseguiu e o filho respondeu: “Simples, pai. Do outro lado da revista havia a figura de um homem. Foi só montar o homem que eu montei o mundo!” Sem querer, o filho encontrou a resposta que o pai tanto almejava.

Ele abriu a pasta verde e começou a retirar algumas folhas de papel. Houve um murmúrio de reações sobre a história que ele acabara de contar. Mas não deixou que ninguém falasse nada. Queria terminar o seu discurso.

– Joslene e Bárbara foram felizes ao exporem a necessidade de entender um pouco sobre Psicologia Ambiental. Quando a gente trabalha com Ecoteatro, as relações que o indivíduo tem com sua residência, sua vizinhança, seu bairro e sua cidade vão ser analisadas em diferentes etapas, segundo múltiplas abordagens, pela Psicologia Ambiental. A gente entra no meio dessa relação e aplica o processo de sensibilização e conscientização. Não queremos que as pessoas compreendam que elas devem somente reciclar o lixo, preservar a natureza ou lutar contra a poluição dos rios e mares. Mas que entendam ecologia também como uma relação de indivíduo para indivíduo, mutuamente.

Ele começou a distribuir as folhas com o grupo. Não havia nada escrito nelas, exceto a minha. Quando a recebi, ele ficou de costas e caminhou novamente para a frente do grupo. Ao se virar, seus olhos fitaram os meus. E, por alguns segundos, comunicamo-nos. Só Bárbara percebeu aquele lance.

– Sabe quando o amor é mais gostoso? – Ele olhou outra vez para mim – Quando ele é platônico e está somente no campo das ideias, dos desejos, dos anseios, dos sonhos. Essa relação platônica que nós estabelecemos aqui, nestes seis dias, precisa terminar. E sabe o que vai acontecer? Ela



vai ficar mais forte, apesar dos obstáculos, das coisas que fazem ele se tornar monótono, chato, insuportável. Em outras palavras, caros alunos, precisamos sair do campo das ideias e partir para a prática. Ir à luta! Ser multiplicador. Cada um de vocês tem um potencial interior, um caminho a seguir. Sei que nem todos conseguem. Mas, se pelo menos um de vocês conseguir eu já me darei por satisfeito. Agora, eu pergunto: onde está o boi que se escondia em você, Regina? Cadê o seu carcará, Erich? E o seu coelho, Mateus? Tarcísio, você acha mesmo que ainda é um leão? E você, Joslene, ainda é um antílope?

Ficamos pensativos, tentando entender onde ele queria chegar. Quer dizer, os outros tentavam descobrir o que ele estava pensando. Eu já possuía a resposta dele nas mãos. A única coisa que eu fiz foi enfiar a folha na minha bolsa e esboçar um largo sorriso. Bárbara me olhou como uma coruja, num misto de desconfiança e contentamento.

– E o que faremos com a folha de papel? – Erich quebrou o silêncio.

– A resposta está em suas mãos! – Respondeu ele.
O curso estava acabando.



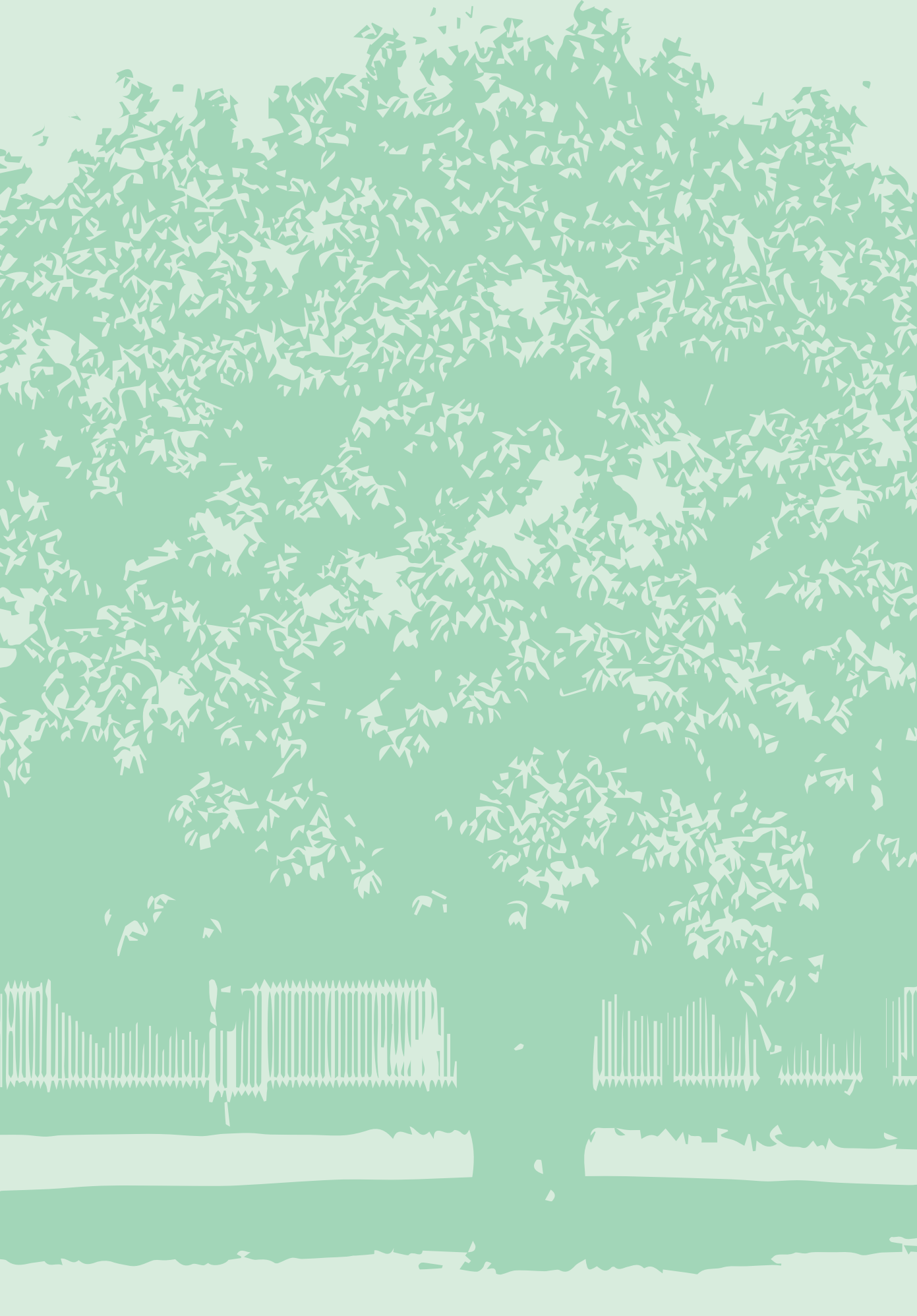




Até mais verde

“ *Tem coisas que a gente precisa aprender sozinho. É sabido que você pode prever resultados; porém, é mais sabido ainda que você precisa estar preparado para os resultados que surgem.* **”**







8

TUDO ACONTECEU RAPIDAMENTE. Ele foi direto naquele jogo do papel. Fiquei atônita e feliz ao mesmo tempo. Quando fui encontrá-lo, no dia seguinte, estava surpresa por saber que ele também estava apaixonado por mim. Ele me disse que tentava passar o que sentia através dos jogos e dos exercícios. Foi amor a primeira vista.

– Não se assuste com o que eu vou perguntar: Você é uma criança? – Indaguei.

Ele esboçou um sorriso tão largo que eu não consegui descrever sua alegria. Por um momento, ficou em silêncio, como se estivesse pensando numa resposta plausível para a minha curiosidade. Na verdade, a resposta já estava no céu de sua boca, escondida, esperando o momento certo para sair.

– Às vezes, eu preciso ser criança para entender as pessoas.

– Então você é mesmo uma criança. – Insisti.

– Como posso ser feliz e compreender o amor se não for como uma criança? Não foi assim que Jesus nos ensinou?

– É verdade. Mas as pessoas não compreendem isso. Lidar com gente não é fácil. A missão que você nos delegou é difícil. Vamos encontrar muitos obstáculos pela frente.

– Que venham os obstáculos! Para que eles foram criados? Para serem superados. E o que os obstáculos produzem? Perseverança! E o que a perseverança nos revela? Experiência! E o que a experiência pode produzir?

– Esperança! – Exclamei.

– E você ainda tem dúvidas de que todo o processo não dê certo?

– Eu sempre tive medo. Inexplicavelmente é este medo que me dá coragem, sabia? Talvez ele funcione assim quando eu estiver sensibilizando meus Atores Verdes.

Caminhamos pelo bosque e paramos próximo a uma velha ponte. Olhei para o rio e me lembrei daquelas pedras afogadas. Sorri sozinha. Pela copa das árvores dava para ver que o sol se punha.

– Qualquer coisa que você faz é sempre um desafio. Viu a tarefa da penúltima aula com a água? Acho que ninguém conseguiu chegar a sua casa com ela. Sabe por quê? Porque a gente não está acostumado a pensar coletivamente. Só pensamos em nós mesmos. Somos egoístas! Se um tivesse pensado como o outro poderia chegar a sua casa com água nas mãos talvez resolvessem a charada. – Ele se agachou, pegou dois gravetos, perpendiculares. Continuou: Uma lenda chinesa nos narra que um discípulo perguntou ao vidente: “Mestre, qual é a diferença entre céu e inferno?” E o vidente respondeu: “Ela é muito pequena e com grandes consequências. Vi um grande monte de arroz cozido e preparado como alimento. Ao redor dele, muitos homens, quase a morrer, não



podiam se aproximar do monte de arroz. Eles possuíam longos palitos de dois a três metros de comprimento. – Mostrou os gravetos como exemplo – Apanhavam, é verdade, o arroz, mas não conseguiam levá-lo para a própria boca, porque os palitos em suas mãos eram muito longos. Assim, famintos e moribundos, embora juntos, mas não solidários, permaneciam sentindo uma fome enorme diante de uma fartura inesgotável. Isso é o inferno. – Ele separou os gravetos e com um deles pegou uma pequena porção de terra. Prosseguiu:

– Vi outro monte de arroz cozido e preparado como alimento. Ao redor dele, muitos homens famintos, cheios de vitalidade. Não podiam se aproximar do monte de arroz, mas possuíam longos palitos de dois e três metros de comprimento. Apanhavam o arroz, mas não conseguiam levá-lo para a própria boca, porque os palitos em suas mãos eram muito longos. Porém, com seus longos palitos, ao invés de levá-los à sua própria boca, serviam-se uns aos outros o arroz. E, assim, matavam a sua fome insaciável numa grande comunhão fraterna, juntos e solidários, gozando a excelência dos homens e das coisas. E isso era o céu.

– Caramba! – Exclamei. Essa é a resposta da água. Se dois morassem no mesmo bairro poderiam ir alternando as mãos até chegar em casa. Por que você não deu a resposta para eles?

– Tem coisas que a gente precisa aprender sozinho. É sabido que você pode prever resultados, porém, é mais sabido ainda que você precisa estar preparado para os resultados que surgem.

– Aonde você quer chegar?

– Em nós dois.

– É uma despedida? – Meus olhos lacrimejaram.

Ele ficou em silêncio outra vez. Voltamos a caminhar até uma jaqueira. Sentamos nas raízes salientes que saltavam da terra. Ele apertou minha mão e fitou meus olhos profundamente. Não precisou dizer mais nada. Seus lábios tocaram



os meus e suas mãos, calorosas, acariciaram os meus cabelos longos. Um bem-te-vi sobrevoou a árvore cantando. A gente riu e voltou a se entreolhar.

– Encontrei você no caminho do verde e não sabia que iria precisar de tanto oxigênio. Usei do jogo para defender uma bandeira e acabei encontrando uma maneira de ser feliz. Não sei se foi a ciência ou a arte que nos uniu, mas sei que algo muito mais forte do que isso poderá nos separar. Nossa história foi tão curta. – Vi lágrimas nos seus olhos.

– Quem sabe nosso amor não é mais verde? – Disse.

– É, quem sabe, até mais verde. – Ele beijou minha testa.

Uma borboleta monarca se aproximou e pousou, silenciosamente, nos meus cabelos. Ele a pegou com cuidado e depois a soltou. Seu vôo, em zig-zag, foi acompanhado pelo nosso olhar, até que desapareceu entre as árvores.

– Ecoteatro é vida! – Disse ele.

– Ecoteatro é amor. – Respondi.

FIM



A pior coisa do mundo é fazer algo de que você não gosta. E era justamente o que eu ia fazer naquela noite de inverno, no primeiro dia do curso de Eco-teatro que o Departamento de Letras e Artes estava promovendo. Eu tinha motivos de sobra para estar tão furiosa com minha atitude. Primeiro, o curso era obrigatório. Valia crédito para a disciplina de Educação Ambiental. Segundo, eu detestava tudo que se referisse a ecologia. Eu achava uma grande asneira defender a vida do lobo guará, enquanto centenas de crianças morriam de diarreia nas favelas das grandes cidades ou ainda saber que aqueles que defendem o meio ambiente são pessoas que não necessitam trabalhar para sobreviver, são alienadas, pensam de modo romântico e acreditam que a natureza humana é intrinsecamente “boa”. Boa, uma ova!

ISBN 978-85-7455-380-1



9 788574 553801